**CURRICULUM VITAE**

**VICENTE PITHAN BURZLAFF – Tradutor e Intérprete**

**Bacharel em História UFRGS**

**1- DADOS PESSOAIS**

Endereço Eletrônico: vicente\_burzlaff@yahoo.com.br

Telefone Celular: 51 92426100

**2- ATIVIDADES ATUAIS:**

* + - **Tradutor Freelance – Inglês> Português, Espanhol>Português, Francês>Português, Português>Inglês**

**Empresas:**

**Deluxe Digital Studios/Softitler para Netflix, Universal, Fox e Sony (Jul 2011- Atual)**

*algumas obras audiovisuais traduzidas:*

* + Cheech and Chong – other movie (Ing>Port)
* Brazil (de Terry Gilliam) (Ing>Port)

*episódios de séries:*

* Rosario Tijeras (Esp>Port)
* Expedición - documentário (Esp>Port)
* Poltergeist – The Legacy (Ing>Port)
* The Magnificent Seven (Ing>port)
* Real Housewives of Orange County (Ing>Port)
* Friday Night Lights (ing>Port)

**Deyá Idiomas (Mar 2012 – Atual)**

**3 –ATIVIDADES ANTERIORES**

* + - **Avaliador de Internet - Lionbridge/Google (Out 2011 – Dez 2011)**
    - **Estagiário na Metalúrgica Gerdau em Sapucaia do Sul-RS Programa Parceiros voluntários (2003-4)**

**4 – CONHECIMENTOS DE INFORMÁTICA**

* **Trados 2007 (CAT)**
* **Translation Workspace (CAT)**
* **Linguistic Toolbox**
* **Pacote Office**
* **Eddie Plus e UNSTools (legendagem)**
* **Subtitle Workshop (legendagem)**
* **AutoCAD**

**5 – FORMAÇÃO ESCOLAR**

* Curso de Formação de Intérpretes – Brasillis (abril de 2012 até agosto de 2013)
* Graduação:**Bacharelado em História da UFRGS** - ênfase em Patrimônio Histórico-cultural (2005-2008)

Trabalho de Conclusão de Curso: Ponto e Linha sobre Plano: a pichação na região central da cidade de Porto Alegre. Orientadora: Maria Luiza Martini

* Graduação: Engenharia Metalúrgica – UFRGS (2003-2004: incompleto)
* Ensino Médio: Colégio Leonardo da Vinci – Alfa (Porto Alegre-RS) . Concluído em 2002.

**6 – IDIOMAS**

**INGLÊS**

* Cambridge Certificate of Proficiency in English/ESOL (CPE) – Grade A
* Cambridge Certificate of Advanced English/ESOL (CAE) – Grade A
* Curso preparatório para o CAE – Cultura Inglesa
* Curso de Inglês realizado no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano:

- Nível Avançado de Inglês com Ênfase em Tradução – 2001

- Nível Intermediário de Inglês – 1999

**FRANCÊS**

* + - Nível avançado no Instituto Roche (nível 7 de um total de 10)
    - Cursos específicos: *Grammaire et Rédaction; Géopolitique du Moyen Orient* no Instituto Roche
    - Aulas particulares de Língua francesa no período de abril de 2005 a julho de 2006

**ESPANHOL**

* + - Conhecimento avançado em Língua Espanhola (autodidata)

**7 – REFERÊNCIAS**

* Rodrigo Garcia Garay (Professor de Inglês no Curso preparatório para o CAE, tradutor juramentado) – rodrighegg2002@yahoo.com.br

**8 – PORTFÒLIO DE TRADUÇÕES E VERSÔES**

**Versões:**

O jumentinho de nosso dia – João Ubaldo Ribeiro (§§ 2 e 3)

Original em: http://arquivoetc.blogspot.com.br/2012/04/o-jumentinho-de-nosso-senhor-joao.html

Na cidade grande, creio que pouca gente sabe o que é um jegue. Sabe-se que é parecido com um cavalo e pode ser denominado indiferentemente de jumento, asno, burro, jerico e outros nomes, todos para nós insultuosos, seguindo a prática humana, que talvez revele muito de nossa natureza, de considerar xingamento ser chamado pelos nomes de animais amigos ou úteis, como cachorro, vaca ou galinha, e achar elogio receber apelidos de feras ou predadores, como tigre, águia ou raposa. Na verdade, a designação "burro" devia ser reservada ao híbrido acho resultante do acasalamento entre um jumento e uma égua, que não são da mesma espécie. Quando nasce uma fêmea, o nome que lhe é dado é "mula". Mas parece que isso vem caindo em desuso, de maneira que, para muita gente, jegue e burro são a mesma coisa.

E o jegue continua a levar fama de pouco inteligente e de temperamento abrutalhado. Maior injustiça não pode haver, é exatamente o contrário. Os jeguinhos desde cedo aprendem seu trabalho, seja levando carga para cima e para baixo, seja até mesmo servindo de "motor" para moagem de dendê, andando em círculos, atado a uma roda de moinho, o dia inteiro. No tempo em que água encanada era difícil em Itaparica, a distribuição da água potável era feita em barricas transportadas em lombo de jegue. Os jeguinhos, que sabiam o caminho de casa e os da freguesia, sustentaram incontáveis famílias de aguadeiros sem dar um tostão de despesa, e tem gente que hoje é doutor de anel no dedo graças ao trabalho deles.

*In the big cities, I believe only a few know what a jackass is. People usually know that it is similar to a horse and that it can be nominated indiferently from donkey, ass, neddy, moke and other names, all of which are insulting to us, following the human practice, that may reveal much of our nature, of considering being called by the name of friendly or useful animals, such as bitch, cow or chicken, a swearword, and of finding complimentary to receive cognomina of beasts or predators, such as tiger, eagle or fox. In fact, the Brazilian designation for ‘moke’ should be used only for the hybrid male offspring of the mating between a donkey and a mare, which are not from the same species. When a female is born, the name given to it is ‘mule’. But this seems to be falling in disuse, since, for many, jackass and moke are the same thing.*

*And the jackass still receives the fame of unintelligent and of brutish temperament. There cannot be a greater injustice; it is the exact opposite. The little jackasses learn their work early on, be it carrying goods up and down, be it even serving as a ‘motor engine’ for the grinding process of the dendê, walking in circles, tied to a millwheel, all day long. In the times when piped water was not of much use in Itaparica, the drinking water distribution was made in barrels transported on the backs of jackasses. The little jackasses, who knew the way home and the way to their clients, mantained uncountable families of watermen without charging a dime, and there are people who today are graduated doctors due to their work.*

obituário \_Millôr Fernandes (1923-2012)

Pôr do Sol em Ipanema

Piauí 67/abril de 2012

Mario Sergio Conti

Numa conversa de fim de noite, falou-se de morte. O tom era sorumbático até que Millôr Fernandes, com mais de 80 anos, contou como desejava que fosse a sua: “Quero morrer com três tiros no peito, disparados pelo surfista que me pegou na cama com a namorada dele.” O chiste é engraçado e verdadeiro? ele queria morrer no auge, numa delinquência safa e na contramão dos bons costumes. O senso comum recomenda que octogenários fiquem em casa de bermudão, tomando sopinha, vendo o Faustão e dispensando conselhos dispensáveis às jovens gerações. Já Millôr queria se entreter – e aprender – nos braços de uma beldade em flor vinda da praia. Morrer assim seria bom.

A conversa foi num restaurante na praça General Osório, perto do seu estúdio e a algumas quadras do seu apartamento. Tudo em Ipanema. Millôr não era brasileiro, sequer carioca. Era um ipanemense que sentia saudades da beira-mar já na Via Dutra, ele dizia, adaptando um dito de Nelson Rodrigues. Ele morou ali desde 1954, quando o bairro tinha ares de arrabalde arenoso. E foi o homem que, individualmente, mais contribuiu para definir a identidade de Ipanema – mais que qualquer um da turma da bossa nova, d’O Pasquim, das dunas da Gal ou do verão da lata. Nada mal para quem veio pobre e órfão do Méier, morou de favor na casa de parentes, educou-se sozinho e começou a trabalhar como jornalista aos 14 anos.

*In a late night chatter, it was being spoken of death. The tone was gloomy until Millôr Fernandes, over 80 years old, told how he desired his death to be: “I want to die with three shots to the chest, triggered by the surfer who once caught me in bed with his girlfriend.” The jest is funny and true: he wanted to die at his peak, in a brisk dereliction and contrariwise to the proper practice. Common sense dictates that octogenaries should stay at home on their sweatpants, drinking soup, watching television and providing advices unadvisable to the younger generations. But Millôr wanted to be amused – and to learn – in the arms of a young female beauty arriving from the beach. Dying like that would be good.*

*The chatter took place in a restaurant at General Osório square, near his studio, and a few blocks away from his apartment. Everything in Ipanema. Millôr was not Brazilian, not even carioca. He was from Ipanema and missed the shoreline when he was as near as the Road Presidente Dutra, he said, adapting a quote from Nelson Rodrigues. He lived there since 1954, when the neighborhood felt like a sandy suburb. And he was the man who individualy most contributed to define the identity of Ipanema – more than anyone of the Bossa Nova, of the Pasquim newspaper, the Summer of the Dunes of 1972 or the Summer of the Can of 1988. Not bad for a poor orphan arrived from the Méier neighborhood who lived in a house of relatives as a favour, educated himself alon e and who started working as a journalist at the age of 14.*

**Traduções**

Dubliners – Two Gallants (§§ 1 e 2)

James Joyce

*THE grey warm evening of August had descended upon the city and a mild warm air, a memory of summer, circulated in the streets. The streets, shuttered for the repose of Sunday, swarmed with a gaily coloured crowd. Like illumined pearls the lamps shone from the summits of their tall poles upon the living texture below which, changing shape and hue unceasingly, sent up into the warm grey evening air an unchanging unceasing murmur.*

*Two young men came down the hill of Rutland Square. On of them was just bringing a long monologue to a close. The other, who walked on the verge of the path and was at times obliged to step on to the road, owing to his companion's rudeness, wore an amused listening face. He was squat and ruddy. A yachting cap was shoved far back from his forehead and the narrative to which he listened made constant waves of expression break forth over his face from the corners of his nose and eyes and mouth. Little jets of wheezing laughter followed one another out of his convulsed body. His eyes, twinkling with cunning enjoyment, glanced at every moment towards his companion's face. Once or twice he rearranged the light waterproof which he had slung over one shoulder in toreador fashion. His breeches, his white rubber shoes and his jauntily slung waterproof expressed youth. But his figure fell into rotundity at the waist, his hair was scant and grey and his face, when the waves of expression had passed over it, had a ravaged look.*

A noite quente e cinzenta de agosto havia descido sobre a cidade, e um ar gentilmente morno, uma lembrança do verão, circulava pelas ruas. As ruas, vazias durante o repouso do domingo, fervilhavam com uma multidão alegremente colorida. Feito pérolas iluminadas, as lâmpadas brilhavam do topo de seus altos mastros sobre a viva textura abaixo, a qual, mudando de forma e de tom incessantemente, enviava ao ar morno da noite um imutável e incessante murmúrio.

Dois homens jovens desciam a ladeira de Rutland Square. Um deles acabava de terminar um longo monólogo. O outro, que caminhava na borda do caminho e era, às vezes, obrigado a pisar na estrada devido à rudeza de seu companheiro, estava com uma cara de quem escuta divertidamente. Ele era corado e atarracado. Um quepe de marinheiro estava enfiado à distância de sua testa, e a narrativa à qual ele escutava fazia constantes ondas de expressão surgirem em seu rosto dos cantos de seu nariz, orelhas e boca.Pequenos jatos de risada sibilante seguiam-se um ao outro para fora de seu corpo convulsivo. Seus olhos, brilhando de deleite astuto, apontavam a todo instante em direção ao rosto de seu companheiro. Uma ou duas vezes, ele arrumou a capa de chuva que havia atirado sobre um ombro à maneira dos toreadores. Seus calções, seus sapatos brancos emborrachado e sua capa de chuva garbosamente vestida expressavam juventude. Mas sua figura se tornava rotunda na cintura, seu cabelo desarrumado e cinza e seu rosto, quando as ondas de expressão passavam por ele, tinha uma aparência destroçada.

 KEOHANE, Robert. After Hegemony Princeton University Press p.85

*Like imperfect markets, world politics is characterized by institutional deficiencies that inhibit mutually advantageous cooperation. We have noted the prevalence, in this self-help system, of conflicts of interest between actors. In economic terms, these conflicts can be regarded as arising in part from the existence of externalities: actors do not bear the full costs, or receive the full benefits, of their own actions. Yet in a famous article Ronald Coase argued that the presence of externalities alone does not necessarily prevent effective coordination among independent actors. Under certain conditions, declared Coase, bargaining among these actors could lead to solutions that are Pareto-optimal regardless of the rules of legal liability.*

Do mesmo modo que mercados imperfeitos, a política mundial é caracterizada por deficiências institucionais que inibem a cooperação mutuamente vantajosa. Notamos a prevalência, nesse sistema de auto-ajuda, dos conflitos de intesse entre atores. Em termos econômicos, esses conflitos podem ser entendidos como derivados em parte da existência de externalidades: os atores não arcam com os custos totais, ou recebem os benefícios totais, de suas ações. Ainda assim, em um famoso artigo, Ronald Coase argumentou que a presença de externalidades tão somente não previne necessariamente a coordenação efetiva entre atores independentes. Sob certas condições, declarou Coase, a barganha entre esses atores poderia levar a soluções no Ótimo de Pareto, independentemente das